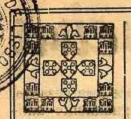
DRNAL



1960 Abril - Junho ANO III N.º 16

Prop. do CENTRO ESCOLAR N. 1 Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

EDITOR Dr. Tomás da Rosa

REDACTORES José Aica - António Soares - J. C. Nunes - A. Borges

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO LICEU NACIONAL DA HORTA

O INFANTE D. HENRIQUE

e o destino histórico de Portugal

Foi no século XV que nasceu o Infante D. Henrique, figura gigantesca na história universal e principalmente na história dos descobrimentos maritimos.

Estes descobrimentos, iniciados sob égide, não foram meros acasos, mas sim consequências de vários factores, quer nacionais, quer

europeus.

Assim, se recuarmos um pouco na nossa história, veremos que Portugal foi sempre uma Nação maritima, devido a factores geográficos como: a sua disposição em anfiteatro, a extensão da sua costa, a existência de bons portos e abrigos, a pobreza do solo, a sua pequenez e o facto de não se poder expandir para o interior.

Mas aquele que soube encarnar verdadeiramente a nossa secular vocação maritima e todos os estimulos de expansão foi o Infante D.

Henrique, o Navegador.

Zurara, como cronista do Infante, apresenta-nos cinco causas que levaram o Infante a se lançar nestes empreendimentos.

- 1 O desejo de conhecer o que haveria para além das Canárias e do Cabo Bojador.
- 2 Averiguar se dessas terras se poderiam trazer para Portugal mercadorias.

Manuel Emidio Gonçalves

No dia 17 de Maio faleceu nesta cidade o Sr. Manuel Emidio Gon-

O extinto foi um dos fundadores do Jornal «O Telégrafo» de que era presentemente Director e Proprietá-

A' familia enlutada, o «Arauto» apresenta sentidas condolências, extensivas à Empresa de «O Telégra-

3 - Conhecer até onde chegava o império dos infiéis.

4 — Saber se naquelas partes se encontrava algum principe cristão que o auxiliasse na luta contra os inimigos da fé.

5 — O desejo de espalhar a fé de
 N. S. Jesus Cristo.

Resumem-se portanto a três as razões que impulsionaram o Infante na sua grandiosa acção; razão cientifica, económica e religiosa.

Ora sabe-se que depois da con-quista de Ceuta o Infante se vai fixar em Sagres, e dai envia sucessivas expedições para as costas do

Noroeste Africano. Estas expedições são coroadas de

êxito, mas a morte impede que o seu sonho se realize completamente.

(Conclui na página 7)

Exposição do Pintor

Rogério Silva

A exposição de pintura de Rogé-rio Silva, dotado pintor faialense, despertou grande interesse no nosso meio. Inaugurada no dia 5 do corrente, sob a presidência de S. Ex.ª o Governador, esteve patente no «Amor da Pátria» até ao dia 10, e foi patrocinada e subsidiada pelo Núcleo Cultural da Horta.

Nos quadros expostos, em que se notam várias técnicas da arte pictoral, Rogério Silva revela apreciáveis qualidades de artista nos óleos e nas aguarelas, expressão plástica da sua fina sensibilidade ante a paisagem açoriana, e afirmação de autênticas possibilidades.

Entre os muitos visitantes da exposição, tivemos oportunidade de ver bom número de estudantes do

nosso Liceu.

Lamentamos não nos podermos referir mais largamente a esta exposição. Não o fazemos devido à natureza académica do nosso Jornal e à falta de espaço.



No dia 18 de Abril passou-se o 32.º aniversário da entrada de Salazar para o Ministério das Finanças.

A feliz data foi lembrada em todo o pais por todos os Portugueses, que gratamente dirigem as suas homenagens ao grande Estadista. Da sua acção orientadora resultou o ressurgimento de Portugal, que se vem processando desde a Revolução Nacional de 1926, cujo 34.º aniversàrio é evocado a 28 do corrente.

o acampamento da M. P.

Em plenas férias da Páscoa e no meio da maior alegria, realizou-se mais um acampamento, em que tomaram parte vinte e cinco alunos do Centro Escolar n.º 1 da Horta.

Ao contrário do que tem sucedido nos anos precedentes, resolveu--se, desta vez, dirigir o conjunto de filiados para a vizinha ilha do Pico.

E, tanto os estudantes inscritos nas actividades da M. P. como os seus dirigentes, foram unanimes em escolher as imediações da Vila das

Lajes.

Tendo conhecimento do facto, a população desta Vila preparou-se para receber, com aquela hospitalidade que já lhe é habitual, os filiados da M. P. da Horta, participantes no acampamento. Chegado o dia da par-

tida, lá foram eles, acompanhados (Conelui na página 7)

O episódio do Velho do Restelo

«Oh glória de mandar! Oh vã cobiça dessa vaidade a quem chamamos fama !>

Assim falava o Velho do Restelo nesse episódio que Camões canta na sua obra imortal «Os Lusiadas».

Portugal, que desde o inicio mostrara a todo o mundo o seu valor, iria atestá-lo mais uma vez nessa manhã em que na Praia do Restelo, as caravelas se preparavam para a gloriosa epopeia dos descobrimentos. Brotam lágrimas nos olhos e concentra-se a dor nos corações dos que partem e dos que ficam. Uma dúvida atroz dilacera a suas almas. Não voltarão mais? Só Deus o sabe.

Mas Ele quer que eles partam, embora o sacrificio seja cruel. A Sabedoria Infinita conhece que na alma dos portugueses acima de qualquer ambição terrestre, está a Fé de Cristo que querem espalhar por essas terras desconhecidas.

A cruz que se agita nas velas das suas naus é um simbolo do seu grande ideal.

Mas eis que surge em direcção à praia um velho vergado sob o peso dos anos, senhor de grande experiência, que não compreendendo o verdadeiro espirito dos Portugueses, protesta com veemência em altas

Que ides fazer? Se são glória e riquezas que pretendeis, para quê submeter essas almas banais a tantas mortes, perigos, tormentas e crueldade!

Se estais animados pelo espírito guerreiro não é necessário ir mais além, pois tendes os Muçulmanos do Norte de Africa para combater.

O Velho do Restelo é o simbolo daqueles que não os compreendiam. Iriam abandonar o seu lar, a sua terra, o carinho dos entes queridos, mas acima de tudo, estava o amor de Deus e da Pátria. Por isso lá caminharam sulcando esse imenso oceano que para eles era por enquanto uma incógnita, uma série de interrogações e receios cujos mistérios ninguém ousava desvendar, mostrando assim ao mundo o valor de Portugal marinheiro, audaz e aventurei-

Se os marinheiros de outrora tivessem destruido os sonhos que acalentavam ante várias vozes, dentre as quais a do Velho do Restelo, Portugal não teria hoje um nome grande e admirado que se gravou em letras de oiro na História Uni-

Maria Angela de Oliveira

Correia de Oliveira

maiores poetas de Portugal, na expressão de António de Magalhães (Brotéria, Abril, 1960, pag. 435).

Embora muitos criticos, incapazes «de apreciar a poesia, que não seja talhada pelos moldes dos seus gostos, por vezes suspeitos ou demasiado evidentes (ld., id.) - préten-dam contestar-lhe o valor, Correia de Oliveira resistirá ao tempo.

De certo nem toda a sua obra permanecerá válida. Mas aquela que representa o seu talento em pleno vigor dão-lhe direito a um lugar de destaque. Também Pessoa só é grande pela parte séria e representativa da sua poesia; o que ele elaborou para se divertir à custa do público e dos criticos, (para frasear o que disse um crítico com responsabilidade), em nada aumenta a sua glória.

Certos aspectos da poesia de Cor- A OBRA DO reia de Oliveira exprimem o que se costuma chamar o «eterno humano». Não se deve esquecer que a sua obra, se hoje parece antiquada, co-mo a de todos os que passaram, era «nova» no momento em que o poeta surgiu para a criação literária.

Depois do «Orfeu» apareceram alguns poetas excepcionais, outros menores e autênticos sem dúvida e outros ainda que não conseguirão «sobreviver» como poetas. Todos apresentam agora o atractivo da novidade, do último figurino. Quando

SOLIDARIEDADE

O facto que mais impressionou a opinião mundial nestes últimos tempos foi, sem dúvida, a terrivel catástrofe da cidade marroquina de Aga-

Milhares de pessoas mortas, milhares de feridos e sem abrigo foi o sinistro balanço da tragédia.

Por todo o mundo se tem levado a efeito campanhas de solidariedade a favor dos sinistrados de Agadir e com as dádivas obtidas tem-se procurado minorar o sofrimento dos habitantes da «cidade mártir».

E o Faial, ainda lembrado da angústia sofrida durante o terramoto da noite de 12 para 13 de Maio de 1958, não quis deixar de se associar a essas campanhas de solidariedade e contribuiu com o que lhe foi possi-

A Delegação Distrital da M. P. da Horta também lançou um apelo aos Centros Escolares do nosso Distrito e esse apelo foi largamente atendido, tendo sido enviados para a Delegação Distrital, 5.664\$70 em dinheiro e alguns volumes com roupas.

Faleceu um grande poeta, «um dos o Tempo passar sobre esta geração, quando parecerem igualmente antiquados os poetas de hoje e os de há meio século, então a crítica se pronunciará talvez mais desinteressada. E' possível que o autor de «O auto do fim do dia e de «Verbo ser e Verbo Amar, não avulte tão alto como muitos o vêem presentemente, mas afigura-se-nos que não será considerado tão sem valor como alguns o fazem. O homem vive actualmente obcecado pelo jogo gátuo de certos mitos, a maior parte dos quais, infelizmente, não podem nortear a mocidade a um rumo de salvação.

Saudemos Correia de Oliveira, o poeta da crença em Deus, da fé nos destinos da Pátria — e, afinal, o poeta da familia humana!

INFANTE D. HENR

O Infante D. Henrique pode colocar-se no alto pedestal destinado aos grandes heróis universais, sem receio de se exagerai, visto ele ter sido um dos génios mais notáveis não só da nossa história, mas da história da humanidade. Porque na verdade

(Conclui na página 3)

Manuel Paulino

Por ter sido aprovado em concurso para empregado da companhia telegráfica «Western Union», deixou de frequentar o nosso Liceu, o Chefe da Secção de Secretaria do Cen-tro Escolar n.º 1, Manuel Paulino Carreiro Ribeiro da Costa.

Também foi um dos primeiros Redactores do nosso Jornal para cuja fundação muito contribuiu.

O «Arauto» deseja ao Manuel Paulino muitas felicidades na sua vida profissional.

Agradecimento

Numa das suas últimas emissões, Rádio Gazeta, revista semanal de Imprensa, coordenada e apresentada em Rádio Clube de Angra por Fer-nando de Mendonça, referiu-se em termos elogiosos ao nosso Jornal, incluindo ainda no seu programa a leitura do artigo «Os navios do Infante D. Henrique, de António Soares, publicado no «Arauto» (n.º 15).

Agradecemos à ilustre secção da ·Voz da Terceira a distinção.

A História do Pescador

A noite estava chuvosa e fria. Os trovões ribombavam fortemente e a atmosfera faiscava chispas do seu fogo infernal.

Numa casa parecendo luxuosa, via-se através de uma fresta da jane-

la uma nesga de luz.

Lá os netos encolhidos a um canto, perto da lareira, folheavam um livro enquanto o avô sentado numa cadeira lia um jornal.

De repente os netos levantam-se com alvoroço, acercam-se do avó e pedem-lhe enternecidamente:

-Avô, conte-nos uma história.

O avô pensou um instante, para escolher um dos mais bonitos que sabia.

Depois disse:

-Pois sim. Ai vai um: Era uma

E ele começou a contar a triste história de uma familia de pescadores.

Numa dessas aldeias piscatórias, que abundam à beira-mar, vivia uma familia que se via a braços com sérias dificuldades para se poder manter. Esta era composta de pai, mãe e um filho de 14 anos. A casa era modesta, de paredes nuas, dividida sómente em dois quartos, Num faziam eles cozinha e quarto de jantar e no outro dormiam todos.

O recheio interior era simples, como simples era o viver daqueles seres abandonados ao sabor das in-

tempéries humanas.

Havia já alguns dias que o pai não tinha ido para o mar por causa duma terrivel tempestade que estalara naquela costa e que teimava em não amainar. Mas as provisões já tinham escaceado e era forçoso tentar a sorte. Por isso, depois de mais um dia de miséria e luta, o pescador deitou-se com o propósito de na manhã seguinte convidar os companheiros a se aventurarem com ele nas cristas alterosas de verdadeiras montanhas de água.

Depois de um sono inquieto, levantou-se cedo e abriu ansiosamente a janela para verificar o estado

do tempo.

O vento parecia mais calmo apesar do mar ainda estar um pouco agitado. Vestiu-se e saiu para a rua. Chegou a uma taberna onde os companheiros costumavam reunir - se; olhou-os indeciso mas aventurou-se a perguntar:

—Quem quer vir comigo à pesca? Mas por resposta só obteve uma estridente gargalhada e esta frase

depreciativa:

-Olha o valentão. Quere mostrar-se destemido e afinal é um «Zé ninguém».

Ele não respondeu. Baixou a cabeça e saiu devagar da taberna, ouvindo ainda o riso geral, que era como um dardo ponteagudo ferindo--lhe o coração.

Entrou em casa e contou à familia o que sucedera. O rapaz ao ouvir estas palavras levantou-se e dis-

-Meu pai. Eu acompanho-vos.

—Não, respondeu este, és ainda muito novo para ires para o mar com este tempo.

-Meu pai! Deixe-me ir, tornou o

rapaz.

E o pai, obrigado pela necessidade, lá concordou. Despediram-se da mulher e rumaram para a praia. Uma vez ai, arriaram o bote, e singraram rumo ao mar alto.

Estavam já há bocado a pescar e a sorte parecia protegê-los, pois a lancha já se encontrava bem carregada, quando uma nuvem ameaçadora se começou a formar sobre as suas cabeças.

O vento começava a assobiar ensurdecedoramente e o mar encapela-

va-se cada vez mais.

Deitaram-se aos remos para fugir à borrasca, mas ela apanhou-os e fez dançar o batei perigosamente.

Por fim a fadiga do remo venceuos e eles compelidos pela maré

afastaram se da terra.

O barco ia ao sabor das ondas, quando uma vaga fez voltar a embarcação e eles foram arrojados para as águas. Ouviram-se um espanejar aflito e dois gritos abafados.

Depois ficaram só os elementos em fúria como que festejando-se por serem a causa de mais uma desgra-

E a mãe em terra que fazia?

Essa como chegasse à noitinha e ainda eles não tivessem aparecido foi para a praia e começou a chamá-los mas o vento levava a sua voz e não trazia resposta.

(Conclui na página 6)

A OBRA DO INFANTE D. HENRIQUE

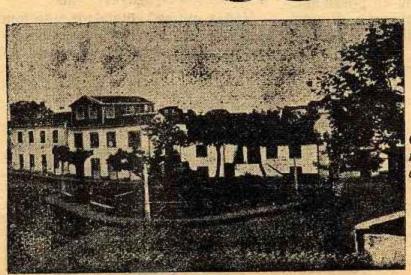
(Conclusão da página 2)

foi ele quem impulsionou e dirigiu os descobrimentos, obra sem dúvida alguma grandiosa que ainda hoje nos espanta e que para a mentalidade de então se afigurava na realidade colossal. Mas foram precisos muitos esforços, e muitas vidas foram sacrificadas para a realização deste sonho que engrandeceu Portugal. Nesta obra o Infante gastou todos os fundos da «Ordem de Cristo» de que era administrador e não grão-mestre como certos historiadores defendem, fundando uma escola no promontório de Sagres - extremo meridional do nosso território, para onde mandou vir sábios e geógrafos a fim de empreenderem estudos náuticos e muitos mapas onde os marinheiros se exercitavam para viagens de maior alcance.

Edificou também ali perto a «Vila do Infante» destinada às familias dos marinheiros. Em vida deste descobriram-se muitas terras mas foi durante o reinado de D. Manuel que Vasco da Gama conseguiu chegar à India por mar, o que até ai estava vedado visto as únicas comunicações existentes serem feitas por terra através da A'frica; contudo esta descoberta notável fora idealizada pelo Infante de Sagres que morreu sem ver este seu desejo cumprido.

Foi devido a estas descobertas que Portugal mereceu o honroso título de iniciador dos descobrimentos em que depois foi seguido pelos outros países europeus, e é ao Infante D. Henrique que se deve tamanha glória, porque este, ao imortalizar Portugal, imortalizou também para sempre o seu nome unindo-o eternamente à História Portuguesa.

Maria de Fátima Freitas Baptista



O Largo Vigário Gonçalo de Lemos na hospitaleira Vila das Lajes do Pico

DO NOSSO CENTRO

Chefe da Secretaria

Desempenha presentemente as funções de Chefe da Secção de Secretaria, o Chefe de Quina Manuel José Goulart Carrinho.

Visitas de estudo

Por vezes é confrangedor saber-se que, entre nós, há quem conheça os monumentos e belezas naturais de outras terras do Pais e desconheça que o Faial e a Horta, apesar de pequenos em tamanho, possuem motivos que deveriam despertar a curiosidade dos nossos estudantes.

Não será muito mais interessante começar-se pelo que é nosso para depois conhecermos o que é doutros?

Foi com este pensamento que se resolveu levar a efeito algumas visitas de estudo aos lugares mais importantes da nossa ilha, quer sob o ponto de vista histórico quer sob o ponto de vista paisagistico.

Já se realizaram duas visitas de

estudo este ano.

A primeira teve como objectivo a Igreja de S. Francisco, velho Templo a que estão ligados factos de destaque da acção dos Frades Franciscanos na Horta.

Nessa visita fomos acompanhados pelo nosso Director de Centro, Sr. Dr. Tomás da Rosa, e pelo Sr. Pe. Júlio da Rosa, Professor do nosso Liceu, por ser a pessoa mais indicada para nos falar àcerca da história da Igreja de S. Francisco.

A' porta do Templo, o Sr. Pe. Júlio começou por nos historiar a colonização dos Açores e a chegada da Ordem de S. Francisco ao Faial.

Depois, à medida que iamos percorrendo o vasto Templo, éramos postos ao corrente de tudo o que se relaciona com as várias curiosidades da Igreja, desde o Altar-Mor à mais pequena capela.

A pouco e pouco, o interesse foi despertando nos rapazes que, a cada momento, pediam ao nosso amável cicerone, a explicação de qualquer particularidade que observavam.

A' saida formou-se novamente um

aglomerado, pois todos queriam saber mais e as perguntas sucediam-

A segunda visita foi à Igreja Matriz e teve lugar no dia 30 de Abril.

Fomos novamente acompanhados pelo Director do Centro e pelo Sr.

Pe. Júlio da Rosa.

Como na visita anterior, o nosso guia, falou-nos sobre os fundadores da Igreja Matriz, dantes chamada do Colégio, os Jesuitas, e do seu estabelecimento na Horta, bem como da sua importante obra em favor do ensino na Ilha do Faial.

A seguir percofremos o vasto e grandioso Templo e, no final, na Sacristia admirámos a magnifica Custódia e outros objectos litúrgicos.

Estas duas visitas foram apenas o começo de uma série de muitas outras que se pretendem organizar.

Oxalá que os nossos rapazes continuem a interessar-se pelos assuntos de maior interesse do Faial.

Fazemos votos para que assim aconteça.

Campeonato de Xadrez

Tem sido bastante animada a disputa do Campeonato de Xadrez organizado pela Secção Cultural do nosso Centro.

O vencedor da 2.ª categoria já está apurado. Nesta categoria os três primeiros lugares ficaram assim distribuídos: 1.º — António Manuel Silveira; 2.º — Manuel Mendonça Nunes e 3.º — Helder Silva Porto.

Na 1.º categoria, Mário Gabriel encontra-se em primeiro lugar.

O Dia da Raça e a M. P.

O Centro Escolar n.º 1 da M. P., do Liceu, pensa em levar à cena, se for possivel, uma peça teatral numa sessão em que também provàvelmente haverá recitativos, e em que se visa associar na mesma homenagem as figuras supremas do Infante D. Henrique e Camões, dois dos génios máximos da alma lusiada.

Outras actividades

Várias outras actividades se tem realizado como desportivas, campistas, etc. mas a essas referimo-nos separadamente.

Aspecto da Igreja Matriz que foi objecto de uma visita de estudo dos filiados do nosso Centro



O Infante D. Henrique

e a UNIVERSIDADE

O nome do Infante D. Henrique está tão associado à epopeia dos descobrimentos, que nenhum português fala de conquista e dilatação da fé, sem recordar o «Grande Navegador» cuja figura pensativa, esfumada em sonho, se ergueu como farol incentivo, para todos os marinheiros nacionais ou estranhos.

E' sem dúvida pela importância primordial dos descobrimentos que quase se encontram esquecidas as diferentes qualidades que adornavam o seu espírito e se manifestara noutros géneros de actividade como

a instrução.

Este sector mereceu grandes desvelos ao Infante D. Henrique a quem se chamava Protector da Universidade de Lisboa.

Para destacarmos a sua acção neste campo, transportemo-nos a 1290, ano em que D. Dinis promulgou a fundação da Universidade de Coimbra.

A permanência, nesta cidade não favoreceu o progresso da instrução. Por isso a sua transferência para Lisboa, mais central, foi ordenada em 3 de Junho de 1377, por D. Fernando.

E' digno de menção o trabalho deste monarca, chamando bons professores, privilegiando com regalias mestres e alunos, concedendo graus de doutoramento para aumentar os recursos universitários usados até então.

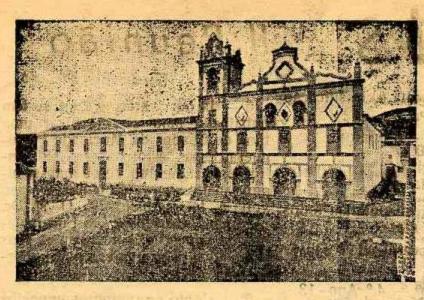
Seguindo-lhe as pisadas, surge D. João I, que, após uma reunião dos primeiros protectores da Universidade, determinou o pagamento de salários aos lentes, fixou propinas aos estudantes fomentando o aperfeiçoamento do ensino, até atingir o seu auge com o impulso do Infante neste sentido.

A sua obra deve ter começado em 1431 por ser a partir desta data que o seu nome perdura indissolùvelmente ligado a todos os decumentos universitários.

Sob a sua direcção decretaram-se estatutos ou normas indispensáveis ao bom funcionamento da Universidade tais como:

Fixação dos trajes para todos os mestres, bachareis e estudantes, quer para uso obrigatório nas aulas quer para as demais actividades escolares; organização e duração dos estudos segundo o curso a seguir; concessão de novos graus de ensino e fixação da quantia minima de uma coroa e máxima de três, que o bacharel devia pagar à Universidade.

Depois de se bacharelarem, estes estudavam ainda durante quatro anos,



A Igreja de S. Francisco que também foi visitada pelos nossos rapazes

D. Henrique e o seu espírito de Cruzada

O Sol que aquece a inóspita e descorada A'frica atingia o seu Zénite por sobre a graciosa e alegre cidade de Ceuta, no domingo de 25 de Agosto de 1415.

Na recente Igreja, pela terceira

sendo os finalistas submetidos a um exame ao qual assistiam todos os doutores da Sé.

Terminado este, o aluno aprovado, após os juramentos de praxe, recebia da Faculdade as insignias para a festa do doutoramento. As reformas do Infante não terminaram por aqui.

Foram concedidas regalias aos mestres em Teologia, enquanto o juramento dos licenciados e dos doutores enchiam de bons propósitos o coração dos estudantes, estreitando assim o mais possível os laços entre a Universidade, a Igreja e a Pátria

Depois destes impulsos, para a realização dos quais teve que dispender do seu próprio tesouro, o «Infante» viu com entusiasmo que saiam dessa Universidade portuguesa grandes matemáticos e verdadeiros sábios.

Estes homens contribuiram imenso para o progresso da navegação. E podemos dizer que a Universidade que tanto ficou a dever ao Infante, constituiu um excelente meio, de que lançou mão para realizar o sonho que tornou conhecido por todo o mundo o seu nome e o nome de Portugal.

Em 1460 teve fim a vida do Infante D. Henrique, mas não a sua obra

duradoira.

Herói nacional de projecção universal, transformou a sua actividade num hino de glória à sua muito amada, Pátria portuguesa.

Homenageemos também a sua visão dos problemas culturais!

Maria da Conceição Nunes

O Sol que aquece a inóspita e vez o som das trombetas reduziu-se escorada A'frica atingia o seu Zé- ao silêncio.

Em frente do Altar-Mor, D. Henrique de espada erguida esperava que seu pai se abeirasse e tomando--a nas suas fortes mãos o armasse cavaleiro.

Este era sem dúvida um dos momentos mais felizes da sua vida e que se tornara agora realidade mercê do seu espírito religioso, em que aliás baseava todos os seus actos.

E podemos afirmar que ele tinha um sentido religioso em todos os seus intuitos, nem admira, pois que D. Henrique recebeu os ensinamentos do seu professor, Lopo Dias Soares, Grão Mestre da Ordem de Cristo.

A' medida que crescia, todos os seus pensamentos andavam à volta da conquista de Ceuta, centro base dos infiéis, o que nos mostra claramente o seu sentido de cruzada.

As suas palavras tinham uma tal convicção que não só conseguiram vencer a opinião de seu pai, a tomar o reino de Granada, mas a de todos os que se lhe opunham sendo depois encarregado de organizar a esquadra proveniente do Norte, que tomaria parte na grande conquista, que jamais deixara de sonhar.

No Norte como no Sul do Pais ninguém conhecia o fim de tal empresa, mas conta-se que certo Frade de S. Domingos, que no púlpito não deixava de aconselhar auxílio ao Infante, viu, ao levantar-se certa manhã para orar, D. João I ajoelhado piedosamente na frente do altar de Santa Maria que irradiava uma brilhantissima luz.

Não mantendo semelhante visão em segredo, a pouco e pouco se foi espalhando, indo influenciar poderosamente os receios dos mais piedosos.

Reunida a esquadra em Lisboa, fez-se a largada para a costa do Al-

(Conclui na página 7)

II REUNIÃO

com os Senhores Encarregados de Educação

- 1—Porque não tem havido reuniões com os Encarregados de Educação dos Alunos, como se pretendia.
- 2—Última prestação de propinas e possíveis anulações de matrícula.
- 3-Bilhetes de Identidade para Exames.
 - 4-Comportamento dos Alunos.
 - 5-Aproveitamento dos Alunos.
 - 6-Tuna da Mocidade.
 - 7-Reparos e sugestões.

Já noutra parte demos a noticia da Il Reunião com os Encarregados de Educação dos Alunos do Liceu da Horta.

Queremos, porém, referir-nos pormenorizadamente aos assuntos que faziam parte do programa desta reunião.

Vamos, por isso, considerá-los separadamente:

 Aberta a sessão, o Sr. Dr. Madruga começou por agradecer a comparência dos Assistentes.

Em seguida lamentou que no decorrer deste ano não se tenham efectuados regularmente reuniões desta natureza, como estava previsto; mas não se realizaram devido a causas várias e que não interessava enumerar.

- 2 Falou depois no pagamento da terceira propina de frequência. O nosso Vice-Reitor começou por explicar que a falta do pagamento da propina no prazo indicado implica a anulação da matricula e a consequente perda do ano. Salientou o facto de ser desnecessário o pagamento dessa importância no caso do Aluno estar mal classificado e na eminência de não transitar para o ano imediato, sendo, no entanto, preferivel pedir informações aos Professores sobre a maneira como proceder.
- 3 Outro assunto proposto era a necessidade do Bilhete de Identidade para os exames. Lembrou-se a conveniência de tê-lo, pois, sempre actualizado.
- 4 5 Os temas seguintes diziam respeito ao comportamento e aproveitamento dos alunos. O sr. Vice-Reitor referiu-se largamente a estes dois assuntos, salientando que por vezes os Estudantes, embora distinguindo-se intelectualmente daqueles que não receberam mais que uma instrução rudimentar, não se distinguem no aspecto disciplinar, o que faz baixar a reputação dos Liceus, que além de casas de instrução são lugares onde os Professores se esforçam por educar os alunos.

(Conclui na página 6)

DESPORTOS

Futebol

A equipa do 4.º ano voltou a defrontar a Selecção formada por jo-gadores do 1.º, 2.º, e 3.º anos.

Alinharam pelo 4.º ano: Renato, J. Alberto e Naia; Honorato, M. Garcia e Rocha; Jorge, M. Amaral, Lucas, Raimundo e Victor Rosa.

Pela Selecção: A'vila, Silveira, J. Humberto, Quaresma II, Macedo, Serpa; Firmo, Andrade, C. Baptista, L. Baptista e Miguel.

O resultado foi de 1-0 favorável ao 4.º ano, golo de Jorge, na 2.ª parte.

Selecção A-1 — Selecção B-4

No Estádio do F. S. C. realizou--se no dia 30 de Abril um encontro entre duas selecções de Alunos do nosso Estabelecimento de Ensino. Uma das equipas era constituida por elementos do 5.º Ano e 3.º Ciclo (Selecção A). A outra por rapazes no 1.º, 2.º, 3.º e 4.º Ano (Selecção

Ficha do Jogo

Equipa de arbitragem: Gambão, M. Gomes e Emircio.

Selecção A - Oliveira; Leonildo e T. Alberto; Simas, Agostinho e C. Garcia; Lourenço, Porto, Faria, A. Gomes e S. Melo.

Suplentes: Germano e Borges.

Selecção B - A'vila; Garcia e Quaresma II; Quaresma I, Serpa e Rocha; Honorato, Amaral, Baptista I. Baptista II e Carvalho.

Suplente: Renato.

Marcha do resultado:

1.ª Parte: 1-2.

2 m: 1-0 - Porto 12 m: 1-1 - Amaral

41 m: 1-2 - Baptista I

2.ª Parte: 0-2

4 m: 1-3 — Serpa 42 m: 1-4 — Baptista I



C. E. n.º 1-1 - Externos-4

Basquetebol

Em continuação do torneio de Basquetebol, realizaram-se os seguintes jogos, relativos à 1.ª volta:

3.° Ciclo - 35 — 4.° Ano - 30

5.º Ano (A) - 21 - 3.º Ciclo - 19

5.º Ano (A) - 19 - 5.º Ano (B)-3

5.° Ano (A)-11 — 4.° Ano-8

Ao fim da 1.ª volta a classificação era a seguinte:

5.° Ano (A) — 6 pontos

3.º Ciclo - 4

4.º Ano - 2

5.º Ano (B) - 0

Também já se disputaram todos os jogos da 2.ª volta.

Os resultados verificados são os que se seguem:

5.° Ano (A) - 26 — 4.° Ano - 13 3.° Ciclo - 7 — 5.° Ano (B) - 6 3.° Ciclo - 33 — 5.° Ano (A) - 16 3.° Ciclo - 16 — 4.° Ano - 10

A equipa do 5.º Ano (B) desistiu dos jogos com o 4.º Ano e com o 5.° Ano (A).

Classificação final:

3.° Ciclo — 10 pontos 5.° Ano (Á) — 10 : 4.° Ano — 4

5.° Ano (B) - 0

Como as equipas do 3.º Ciclo e do 5.º Ano (A) se encontram com a mesma pontuação, terá de se recorrer a um jogo de desempate.

Esse jogo terá lugar, provàvelmen-

te, no dia 28 de Maio.

Qualquer que seja o vencedor, o «Arauto» felicita-o.

Ténis de Mesa

Ainda não está apurado o vencedor do Torneio desta modalidade.

Como favoritos ao título, por terem sido apurados para a disputa das finais, encontram-se os seguintes concorrentes: António Gomes, Fernando Faria, Carlos Garcia, Mário Garcia, Manuel Alberto, Mário Simas e Rui Simões.

A História do Pescador

(Conclusão da página 3)

Quanto tempo chamou, chorou, o que aconteceu, ninguém sabe.

-Nunca mais ninguém ouviu falar nesta familia, termina o avô, mas a sua história repetir-se-á em todos os séculos porque é afinal a história de muitos que andam na vida do

Um forte trovão abafou estas últimas palavras do avó e os netos correram para as suas camas, cheios de medo, enquanto aquele esboçava um sorriso de alegria por ver crescer à sua volta flores tão belas e cheias de encanto e agradecendo a Deus ter-lhes dado um conforto que tantos não têm.

Manuel José Carrinho

II Reunião

(Conclusão da página 5)

6 — Já por várias vezes se tem trabalhado para se organizar uma tuna de filiados da Mocidade Portuguesa. Esses esforços tem sido infrutiferos. Este ano, receberam-se alguns instrumentos de corda. O caso volta a ter actualidade. O sr. Dr. Madruga aconselhou os Encarregados de Educação a incitarem os seus educandos a se interessarem por esta iniciativa.

7 — Como os assuntos expostos pelo Sr. Dr. Madruga não foram de molde a deixar dúvidas na assistêne a provocar reparos da parte desta, e como nenhum dos assistentes se pronunciou a dar qualquer sugestão, o nosso Vice-Reitor terminou agradecendo mais uma vez a comparência dos presentes e a atenção com que tora escutado.

Há cada uma

Quando da visita dos Estudantes Micaelenses e Madeirenses ao nosso Distrito, e, pouco antes da sua partida do Cais do Pico, um deles, que pela sua pronúncia reconhece-mos ser de S. Miguel, entrou numa loja para comprar qualquer coisa.

Mas, ao que parecia, e como ele dizia «tinha bebido só uns copinhos» e para pedir o que queria começou

a falar Inglês.

No entanto, o empregado não percebia nada do que ele dizia e, para se fazer compreender, o «inglês» teve de gesticular muito, convencendo assim as pessoas presentes de que era realmente inglês.

Quando se vinha embora lembrou--se de que não tinha fósforos e vol-

tando-se para o empregado:

—Like!?...

Ao mesmo tempo colocava 2\$50

sobre o balcão.

O empregado julgou que ele lhe dava o dinheiro de gorjeta e disse-

-Gracias! (era, julgava ele, a maneira de se fazer perceber pelo sr. «inglês»).

No entanto este alarmado gritou

apressadamente:

-Não! Não! O que eu quero é uma caixa de fósforos das pequenas.

A proposito:

Doutrina filosófica: O Inglês é homem; o Português tambem; logo o Inglês é Português.

(Conclusão da página 1)

pelo sr. Dr. Tomás da Rosa, Adjunto do nosso Centro, e do Comandante de Centro, Mário Moniz Simas.

O benévolo acolhimento e desinteressada colaboração dos Lajenses e a satisfação e o bem-estar dos filiados fizeram do acampamento um êxito, fundado na disciplina e na alegria.

Durante aqueles dias realizou-se uma visita de estudo à ermida de S. Pedro, a primeira a ser construida na Ilha do Pico, tendo o sr. Dr. Tomás da Rosa explicado o valor histórico do templo, que outrora era o único, e falado sobre o povoamento da vila das Lajes.

Os Lajenses manifestaram a sua boa vontade em actos que permanecerão guardados para sempre no espirito dos filiados.

Além de todas as amabilidades dispensadas, os estudantes mostraram-se encantados com a vila, tendo apreciado as obras últimamente lá realizadas, mormente a Matriz Nova, cuja construcção já se encontra bastante adiantada.

Foi com pena que os rapazes da Mocidade Portuguesa tiveram de regressar.

Durante a permanência do acampamento nas imediações da Vila, num dos dias destinados à Comunhão Pascal da população local os Estudantes fizeram a sua Comunhão em conjunto, acompanhados pelo Adjunto do nosso Centro.

O «Arauto», jornal da M. P., faz--se eco do sentir dos rapazes que nas Lajes estiveram acampados, renovando os seus sinceros agradecimentos.

O ACAMPAMENTO D. Henrique e o seu espírito de Cruzada

(Conclusão da página 5)

garve pouco depois da morte de D. Filipa de Lencastre.

Chegados ali, aportaram a Lagos, onde todos ouviram missa solene e Frei João de Xira no sermão que proferiu anunciou a rota e o fim da expedição, lendo no final a bula do Papa Martinho V que concedia Indulgência Plenária a todos os participantes nela.

Poucos dias após esta nova largada, já próximo da costa de A'frica, D. Henrique teve de intervir novamente, declarando a todos os presentes reunidos no concelho de guerra de Algeciras:

Não há agoiro que vença o po-

der de Deus».

Tomada a cidade, alguns dias depois, onde o seu nome se encheu

O Infante D. Henrique e o destino histórico de Portugal

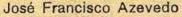
(Conclusão da página 1)

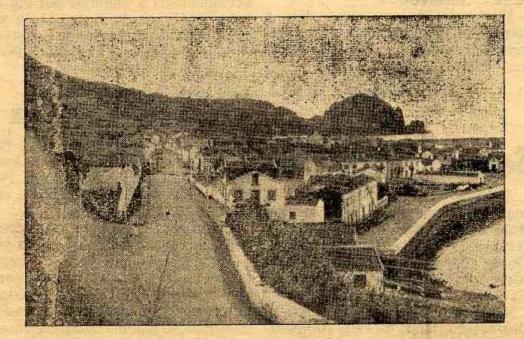
Sabemos também que os reis da dinastia de Avis continuaram a sua obra com a mesma orientação e com o espirito de cruzada de que estava

impregnada toda a obra do Infante. Porém a grande importância do Infante, o Navegador, no destino de Portugal foi conseguir realizar a nossa vocação maritima e também evan-

gelizadora.

Enquanto as expedições iam penetrando na A'frica e comunicando aos pretos a civilização europeia, era declarada uma «guerra santa» aos infiéis, como nos demonstram as bulas «Sane Charissimus» de Martinho V, Romanus Pontifex de Nicolau V além de outras, do que se conclui que o Infante herdara o espírito de cruzada medieval e o pusera em prática com o consentimento dos Papas.





Vista parcial da Vila das Lajes que tão bem soube receber os rapazes do nosso Centro.

de glórias e honras, D. Henrique pensou logo em fundar ali a primeira Catedral Africana, ordenando então aos soldados que tirassem da Mesquita todas as esteiras, que cobriam os belos mosaicos e não descansou, enquanto não encontrou os dois sinos roubados em Lagos anos antes.

No dia 25 de Agosto de 1415 Frei João de Xira sagrava-a Igreja da Senhora da Piedade, realizando-se missa solene seguida da cerimónia em que foram elevados a cavaleiros os Infantes, D. Duarte, D. Pedro e D.

Regressando a Portugal, despreza todas as glórias que havia conquis-tado e entusiasmado pelo Papa Martinho V, funda a Escola de Sagres donde partem os navios portugueses à procura de novas terras levando como mensagem a Fé de Cristo.

Esta nova ideia vem a obter grande exito que juntando-se a outros loiros já conquistados vem imortalizar o seu nome e a sua obra que teve por objectivo principal a dilatação da Fé e a luta de cruzada contra os inimigos tradicionais da Cristandade.

Virgilio A. G. Brum

DO NOSSO LICEU

-A fim de consultar médico, seguiu para Lisboa o Sr. Dr. Augusto Matos, Director do 3.º Ciclo e pro-fessor do 6.º Grupo do nosso Liceu.

O «Arauto», sintetizando os desejos de todos os alunos deste Estabelecimento de Ensino faz votos de umas rápidas melhoras.

-Durante a estadia no Faial de uma excursão de alunos do Liceu de Ponta Delgada, realizou-se no Ginásio do nosso Liceu uma sessão de boas-vindas à caravana estudantil.

A esta sessão promovida pelo Sr. Dr. Manuel Alexandre Madruga, as-sistiram os visitantes Micaelenses, alguns Professores e alunos do nosso Estabelecimento de Ensino.

Em primeiro lugar, usou da palavra o Sr. Dr. Madruga que fez elo-giosas referências à Ilha de S. Miguel, ao seu Liceu e ao seu povo. Terminou dizendo que punha o Li-ceu à disposição dos Micaelenses e apresentando cumprimentos aos ilustres visitantes em nome dos Corpos Docente e Discente deste Liceu.

-No dia 2 de Maio, efectuou-se no Ginásio a II Reunião com os Encarregados de Educação dos alunos

que frequentam o nosso Liceu. Presidiu o Vice-Reitor, Sr. Dr. Manuel Alexandre Madruga e estiveram presentes o Director do 2.º Ciclo, Sr. Dr. António Machado Bettencourt, e alguns Professores.

PIADAS DA 8.º PÁGINA...

QUEM AS QUISER QUE AS FAÇA!

Sentido alegórico do episódio do Adamastor

dos passaram ainda além da Taprobana. E entre gente remota edifica-

ram Novo reino...

Portugal sentia a ânsia de se expandir, de levar Cristo, a grande riqueza que possuia, àqueles que o desconheciam. Foi assim que se lançou na grande aventura dos descobrimentos sob o impulso desse grande homem, o Infante D. Henrique.

O Oceano Atlântico até então conhecido por Mar Tenebroso, segundo as lendas e mistérios insondáveis de que estava rodeado, aterrava os espiritos mais simples e mantinha na dúvida os cérebros esclarecidos.

Dizia-se que a partir de certa altura, as suas águas ferviam e estavam povoadas de monstros prontos a atacar qualquer barco que se atrevesse a sulcá-las; o mar era pouco profundo e as correntes cada vez mais intensas para o Sul, de forma que, segundo um cronista dessa época, «navyo que la passe jamais nunca poderá tornar».

Tudo isto, porém, não passava duma deformação imaginária de factos deturpados, significando apenas que na realidade não se sabia navegar

no mar alto.

Além destes obstáculos lendários, os marinheiros portugueses tinham contra si obstáculos reais que acima de tudo importava vencer: os ventos, as correntes, os naufrágios, as epidemias e as lutas com os nativos.

Todavia lançaram-se as primeiras

caravelas à água.

Assim em 1497 partiu da Praia do Restelo a frota portuguesa com rumo à India, comandada por Vasco da Gama.

O negrume trágico que ensombrou a viagem aqui e além começou logo à despedida! A incerteza da viagem, as lamentações de pessoas que lhes eram queridas, a separação da pátria, tudo contribuiu para que a alma, embora corajosa, do marinheiro chorasse baixinho, essa dor tão pungente...

Esquecidas um pouco as impressões da despedida, eis que têm de lutar contra a oposição dos elementos, as traições dos mouros etc. E uma noite em que iam seguindo a sua derrota tranquilamente «uma nuvem que os ares escurece, sobre as nossas cabeças aparece > (Lus., V, 37).

Logo toda a tripulação se alvoro-

«Por mares nunca dantes navega- çou, perguntando que estranho perigo seria aquele, quando uma hor-renda figura de Gigante se mostrou aos seus olhos espantados. Dirigindo-se aos Portugueses, vaticinou--lhes tudo o que haviam de sofrer, em castigo da sua ousadia. «Naufrágios, perdições de toda a sorte. Que o menor mal de todos seja a morte». Dir-se-ia que o gigante Adamastor procura aumentar, em cada palavra, o efeito aterrador, até chegar à ameaca inexcedivel: que o menor mal de todos seja a morte. Continuava ele profetizando as desgraças futuras dos Portugueses, quando o Gama lhe perguntou. «Mas quem és tu» ? ao que ele tristemente respondeu «Sou o Cabo das Tormentas...».

Desfez-se a nuvem negra e o mar bramiu ao longe. O Gama então er-guendo as mãos ao Céu pediu a Deus que evitasse as desgraças pre-

ditas pelo Adamastor.

Embora este episódio seja apenas uma alegoria, nele estão corporiza-das todas as lendas do Mar Tenebroso e todos os obstáculos autênticos que a audácia dos Portugueses

E' o Adamastor um agente que actua contra os Portugueses, mas que finalmente é vencido, tornando--se um elemento glorificador da nos-

sa gente ousada.

Camões escolheu para motivo essencial do seu poema o facto culminante de tão extraordinário heroismo — a viagem de Vasco da Gama à India, durante a qual lhe surge o Adamastor.

Mas agrupou em torno dela a grandiosidade dos heróis lusos e dos seus feitos heroicos, desde a fundação da nossa Nacionalidade.

Luzia Amélia Serpa

Semana do Ultramar

A Sociedade de Geografia de Lisboa promoveu no corrente mês de Maio a celebração em todo o pais da Semano do Ultramar, com a realização de conferências dentro do Tema ·Consequências dos Descobrimentos dos Portugueses.

No Liceu da Horta realizou-se uma sessão, para os srs. Professores e alunos, em que proferiu uma esclarecida palestra o professor deste Liceu, Rev. Pe. Júlio da Rosa.

6.º Centenário do nascimento de NUNO ALVARES

Além do 5.º Centenário Henriquino celebra Portugal este ano outro grande acontecimento, o 6.º Centenário do nascimento do Beato Nuno A'Ivares em Cernache do Bom Jardim.

E' também uma das maiores figuras da nossa história. Herói e Santo! Que belo ideal para a Mocidade Portuguesa! Dedicou o seu esforço à defesa da causa mais sagrada, e orientou a sua vida pelo mais alto e mais puro espirito da Cavalaria. Galaaz ansioso de perfeição, concebeu--a em toda a sua plenitude.

Valverde e Aljubarrota falam-nos do seu valor humano. O convento a que se recolheu fala-nos da sua santidade, e os pobres a quem socorria testemunharam o seu espirito cristã-

mente caritativo.

Dele escreveu Camões: - Ditosa Pátria que tal filho teve! Mas antes pai... Na Pátria de Junqueiro assim fala o Espectro de Nun'Alvares: Tudo votei sem pena e bem asinha

A' cruz do Redentor e à cruz da espada Ao meu Deus verdadeiro e à pátria minha.

Ditosos os portugueses que o compreenderam e tiverem o heroismo de o imitar!

Comunhão Pascal dos estudantes

No dia 27 de Março último os estudantes da Horta celebraram na Igreja Matriz a sua Comunhão Pascal.

Foi celebrante o Rev. Pe. António Manuel Rocha, Vigário Cooperador da Matriz, que, ao Evangelho, proferiu uma homilia alusiva ao acto.

A Missa foi dialogada em Latim e acompanhada a cânticos por um orfeão de Alunos do nosso Liceu sob a regência do Professor de Religião e Moral, Rev. Pe. José Correia da Rosa.

ASSOCIAÇÃO DOS CEGOS do NORTE DE PORTUGAL

Aos 10 de Janeiro de 1958, fundou-se na cidade do Porto a Associação dos Cegos do Norte de Portugal, com fins assistenciais e culturais.

Como essa sociedade não recebe outro auxilio material que não seja o de donativos eventuais e a receita das cotizações dos sócios, conta com o alto espírito de solidariedade de quantos queiram ajudá-la, sendo a contribuição mínima de 5\$00 mensais.

Na Redacção do nosso Jornal prestam-se outras informações aos in-

teressados.